

# ***Palavras Nômadas*, de Dora Nunes Gago. Húmus, 2023**

Isabel Cristina Mateus  
[icmateus@elach.uminho.pt](mailto:icmateus@elach.uminho.pt)  
Universidade do Minho  
Braga, Portugal  
ORCID iD [0000-0001-7035-008X](https://orcid.org/0000-0001-7035-008X)

Artigo recebido em 2024-12-27  
Artigo publicado em 2024-12-30

## **Como citar e licença**

Mateus, I. C. (2024). *Palavras Nômadas*, de Dora Nunes Gago. Húmus, 2023. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (4). Obtido de <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/article/view/366>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

*Palavras Nômadas*, de Dora Gago, é o título de um conjunto de crónicas, originalmente publicadas em diferentes lugares, agora reunidas em livro de formato portátil que pode levar-se no bolso ou na mochila e ler em qualquer lado, em trânsito, no comboio, no metro ou no avião – ou mesmo no táxi –, numa qualquer sala de espera ou esplanada do mundo. Um título que, desde logo, sugere deslocação, itinerância, viagem.

Recentemente distinguido com o *Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga*, o livro está muito longe de se limitar à reportagem ou à descrição de lugares turísticos com que frequentemente se tende a confundir o género odepórico, ao estilo de um qualquer guia da Lonely Planet ou The Monocle disponíveis no mercado. *Palavras Nômadas* é, antes pelo contrário, um conjunto de crónicas acerca da experiência individual do mundo, do confronto, descoberta e reflexão de uma mulher viajante nos diversos lugares e geografias que percorreu, a crónica da experiência subjetiva da estranheza do mundo.

E se a autora de *Palavras Nômadas* tem mundo! China e Japão, Indonésia e Malásia, Índia e Camboja, Tailândia, Turquia, Singapura, Estados Unidos da América, Uruguai, Brasil, Guiné-Bissau, Reino Unido, Países- Baixos, são alguns dos lugares que “palmilhou”, onde viveu e trabalhou, uma extensa cartografia solitária que se confunde com a própria vida da autora e espalha por vários continentes e culturas, prestando por essa via uma justa homenagem à escritora nómada que foi Maria Ondina Braga.

Se, como escreveu Santo Agostinho, “o mundo é um imenso livro do qual aqueles que nunca saem de casa leem apenas uma página”, a autora de *Palavras Nômadas* parece ir já adiantada na leitura, porventura

a meio do livro. O que não deixa de ser notável para uma mulher que desde logo confessa o seu sentido de *desorientação* (“sei que me perco em Londres da mesma maneira que o faria numa aldeia com meia dúzia de ruas”) e tem a coragem de fazer do princípio cartesiano um subversivo e original “perco-me, logo existo” (p.104). Porque esse gesto provocador lhe serve para afirmar um desejo de conhecer e de viver que vai muito para além do horizonte confinado de uma qualquer “zona de conforto”, o que para a autora significa uma “casa modesta, agradável, numa pequena cidade, uma profissão minimamente estável, uma família, um cão ou um gato” (p.104). Resumindo, a autora parece sofrer da estirpe contemporânea de um vírus antigo, aquele que provoca “la grande maladie de l’horreur du domicile” que um dia Baudelaire diagnosticou em *Mon Coeur Mis à Nu*.

O que a move – sublinha a cronista –, mais do que o pensamento ou um qualquer propósito pragmático, é “este instinto de procurar o desconhecido, de percorrer novos rumos, de experimentar novos sabores, novas culturas, novos cheiros, multiplicando e reconstruindo cada aresta do que chamamos vida” (p.104). Instinto ou pulsão vital levam a autora ao encontro do outro, das gentes em cada lugar, das histórias que acendem a imaginação e despertam o desejo de escrita, mas também ao encontro de si própria e à vontade de unir fragmentos espalhados pelas várias geografias percorridas, ao desejo de coser, com agulha e linha (o mesmo é dizer, a lápis) os fragmentos da sua “alma dispersa” (p. 15).

O leitor encontrará nestas crónicas uma escrita viva, visual, com cheiro, sabor, textura, por vezes, até um timbre reconhecível, que o levará a viajar, a ver o mundo através do olhar da autora. À curiosidade e à descoberta, quando não à íntima revelação, daquilo que se convencionou chamar, muito especialmente a partir de Michel Butor, *le génie du lieu*. Aquilo que faz de um lugar, de uma cidade, uma construção humana. Porque, tal como no caso de Maria Ondina, o “vício de efabular” é indissociável do desejo de ir ao encontro dos outros, das gentes, de descobrir histórias: “Tento ler-lhes os rostos (...). adivinhar-lhes nacionalidades, desenhar-lhes vidas imaginárias”, dirá a cronista de *Palavras Nômadadas*. “Sempre achei valer a pena observar as pessoas, imaginar-lhes vidas, fixá-las na memória, ignorando-as. Sempre achei não valer a pena mais nada”, dirá Maria Ondina em *Estátua de Sal*.

Na escrita de uma e de outra, achadas ou inventadas, colhidas ao acaso dos dias, essas histórias configuram narrativas especulares, são “palco de reconstrução de identidades semeadas pelo mundo” (p. 25). São, de resto, vários os fios de vida (e de escrita) que ligam Dora Gago leitora a uma escritora como Maria Ondina, convocada nestas crónicas a propósito de cidades como Londres ou Macau, de processos originais de construção autoral, como é o caso da crónica “Da idade e das tentativas de enganar o tempo” ou de uma escrita de cariz autoficcional, rememorativa e nômadada, tomada aqui intertextualmente como bússola: “volto-me para as minhas memórias. Sigo as pegadas de Maria Ondina Braga em *Estátua de Sal*, sem receio de olhar para trás, sem medo de me converter na eternidade fria de uma estátua”, pode ler-se na crónica “Ainda em Laos: sob a estrela da palavra”.

Para um escritor nômadado como Bruce Chatwin, a casa era um lugar onde pendurar o chapéu; para Dora Gago, a casa é um lugar onde pendurar a mochila. Essa mochila azul que a acompanha na sua peregrinação pelo mundo (nomeadamente, na sua viagem à Guiné-Bissau) e é para ela uma espécie de raiz aérea, simultaneamente lugar de pertença, de identidade, mas também símbolo de errância, despojamento e solidão. Um porto de abrigo, bóia de salvação ou *kit* de sobrevivência, porque nela parece haver tudo aquilo que faz falta nas situações mais inesperadas: “Estávamos no meio do mato, nas ilhas Bijagós e se precisássemos de uma agulha e de uma linha, aquela mochila tinha’ – diziam” (p. 14).

A mochila onde cabem os seus autores de eleição – e são muitos, Orhan Pamuk, Pearl Buck, Emily Dickinson, H. P. Lovecraft, Kundera, Camilo Pessanha, Jorge de Sena, Lídia Jorge ou Maria Ondina Braga, para referir apenas alguns – toda uma biblioteca itinerante que viaja com a autora, os autores amados, os seus óculos de ler o mundo. Não admira por isso que, no prefácio a *Palavras Nômadadas*, Onésimo Teotónio Almeida se refira à autora como um “Fernão Mendes Pinto em versão moderna: uma mulher a viajar sozinha pelo planeta”, mesmo se esta “mulher viajante, salta-pocinhas, aventureira” (p. 5) se vê obrigada em alguns países a inventar um marido que, felizmente para ela, gosta de ficar a dormir no hotel enquanto ela passeia livremente pelas ruas.

Uma mulher viajante, portanto, cronista de mil e uma odisseias quotidianas que podem assumir múlti-

plas, acidentadas e surpreendentes formas: uma ida ao cabeleireiro ou à esquadra da polícia em Montevideo, a compra de uma lâmpada ou uma ida ao dentista em Macau, a intrusão numa Biblioteca Universitária no Uruguai ou o imprevisto num aeroporto no Laos, de um nevão nas ruas de Amherst, o deserto das ruas de Londres na sequência de um atentado ou os estranhos dias da pandemia em Macau. *Palavras Nômadeas* descobrem ao leitor uma saborosa narrativa que se afasta das convencionais epopeias turísticas, temperada pelo humor, pela caricatura e pela ironia, mas também pela experimentação verbal, como naquele divertido “inglês tarzanico” (p. 104) do estrangeiro que responde à curiosidade da autora sobre o horário de abertura de um estabelecimento comercial com um desconjuntado “eleven open”. E, neste sentido, as peripécias deste Fernão Mendes Pinto de saias, a

braços com o acaso e a necessidade de sobreviver nas mais inesperadas situações e nos mais improváveis lugares, têm, aqui ou ali, um divertido travo cómico, de heroína picaresca, que cativa os leitores de hoje e fazem da leitura destas crónicas uma viagem, uma descoberta ou surpresa permanentes. Descoberta de lugares, geografias, vozes e culturas distintas. De um céu comum “que irmana Laos a São Brás de Alportel, à China, a todos os quadrantes deste nosso planeta habitado pelas mais diversas declinações da mesma humanidade” (p. 126). Descoberta de uma autora desconhecida. Desconhecida? Apenas por enquanto. Porque com estas *Palavras Nômadeas* e o reconhecimento do Grande Prémio Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, a escritora Dora Gago passou, de pleno direito, a fazer parte do mapa literário em língua portuguesa.